

Mãos que trazem à luz: relato de experiência sobre a construção de livro-reportagem ¹

Sandy Swamy Silva do NASCIMENTO²
Lana Krisna de Carvalho MORAIS³
Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

O presente artigo traz nos escritos iniciais um apanhado histórico sobre as parteiras tradicionais no mundo, com o objetivo de conhecer o trabalho de parteiras da zona rural de Oeiras-PI dentro da perspectiva histórica e cultural. Neste contexto, o trabalho apresenta relato de experiência de uma acadêmica do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na disciplina de Projeto Experimental, que através de levantamentos bibliográficos, pesquisa descritiva, entrevistas em semiestruturada construiu o livro reportagem Mãos que Trazem à Luz: memórias das parteiras de Oeiras-PI. Constatou-se, que tais mulheres, em sua maioria, repassam seus conhecimentos através da oralidade, a comunidade as respeita como se fossem da família, que elas possuem ritos e rituais específicos, como chás, orações, posição do parto. Em Oeiras-PI parteiras não fazem parte do ambiente hospitalar e estão proibidas de auxiliar no parto e que o parto humanizado é uma realidade do município.

PALAVRAS-CHAVE: Parteiras; Jornalismo Literário; Oeiras; Parto Humanizado.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente as parteiras cumpriram o papel de auxílio às mulheres grávidas, com o decorrer do tempo, a assistência ao parto passou por várias transformações. Onde a saúde da mulher passou a ser mais evidenciada, neste viés, esta pesquisa reconhece o parto como uma temática de interesse de toda sociedade, que adentra inclusive o campo da comunicação.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral apresentar o relato de experiência sobre a construção do livro-reportagem “Mãos que trazem à luz: memórias das parteiras de Oeiras-PI”, de forma específica, conhecer o trabalho de parteiras da zona rural de Oeiras-PI dentro da perspectiva histórica e cultural, descrever a troca de conhecimentos das parteiras e mães no pré parto, parto e pós-parto e identificar como ocorre o trabalho das parteiras diante das políticas públicas existentes.

¹ Trabalho apresentado no IJ06- Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Acadêmica do 9º semestre no curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, da UESPI-Picos, PI, e-mail: swamy123@hotmail.com.

³ Co-autora. Professora Mestra do Curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, da UESPI-Picos, PI, e-mail: lanakrisna.lm@gmail.com.

Assim, esta pesquisa teve como problemas centrais estudar como ocorre a resistência da cultura das parteiras da zona rural de Oeiras-PI? E como se dá o processo de transmissão destes conhecimentos entre gerações? Na construção metodológica foi realizado levantamento bibliográfico, pesquisa descritiva, entrevistas em semiestruturada e a seleção das fontes se deu pela representatividade, tendo como lócus de pesquisa a zona rural do município de Oeiras-PI. Desta maneira, esta pesquisa se justifica pela relevância do assunto, tendo em vista que na região Nordeste, de maneira específica no Piauí, antes da década de 80 muitas pessoas nasceram a partir do trabalho das parteiras. Por outro lado, ainda é uma área pouco estudada mesmo sendo uma questão de saúde pública, cultural e de gênero.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ A CONSTRUÇÃO DO LIVRO

Conhecida como Capital da Fé, Oeiras é um município da microrregião de Picos, no estado do Piauí, localizada à 300 km de Teresina. Sua População estimada em 2017 era de 36.432 pessoas, de acordo com os dados IBGE (2017). Segundo o site oficial da prefeitura, a cidade histórica, tricentenária, cresceu ao redor da igreja matriz Nossa Senhora da Vitória, a cidade foi intitulada a primeira capital do Piauí, permanecendo até 1852, quando a sede do governo foi transferida para Teresina. (PREFEITURA DE OEIRAS, 2018, ONLINE).

O nascimento no Piauí, assim como em várias cidades do Nordeste, por muito tempo só tinha como apoio as parteiras tradicionais, mas essa realidade mudou após a vinda dos médicos obstetras para o Brasil, as leis que regem o parto. Segundo a Coordenadoria de Saúde da Mulher (2017), no estado entre 2013 e 2017, 53,5% dos partos da rede pública foram cesarianas. Relacionado às aparadeiras, a Secretaria de Estado da Saúde do Piauí (SESAPI) tem o registro de 142 parteiras, em 59 municípios, (COORDENADORIA DE SAÚDE DA MULHER, 2012). Elas são acompanhadas pela Coordenação de Atenção à Saúde da Mulher em cada município.

Porém, em Oeiras-PI não existe o levantamento de quantas parteiras atuam na cidade, ao consultar os agentes comunitário de saúde da zona rural, alguns nomes foram sugeridos para contribuir na construção deste trabalho em questão. Assim, para construção do livro-reportagem foram entrevistadas cinco parteiras com idade entre 49 a 83 anos, três mães e quatro profissionais da área da saúde entre eles, a enfermeira e Coordenadora Municipal da Saúde da Mulher, Agente Comunitária de Saúde da zona rural, enfermeira obstétrica e o diretor do Hospital Regional, entre os dias, 01 a 07 de outubro de 2018. Estas falas estão

presentes no livro, porém, para este artigo optou-se por apresentar apenas algumas memórias das parteiras.

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva abordagem qualitativa, o procedimento de coleta de dados se deu através de entrevistas, relatos, observação ou descrição, buscando compreender a realidade investigada, sem generalização (JUNIOR, 2015). Abordando a pesquisa descritiva, que segundo Candido (2005), tem a finalidade de analisar, observar e registrar fatos, expondo a presença de determinado fato, sem manipulação e mantendo a imparcialidade do pesquisador.

Sobre os caminhos percorridos para construção do livro, no primeiro momento foi utilizado levantamento bibliográfico em livros, leis, artigos científicos, trabalhos acadêmicos, revistas, manuais e sites da internet para obter mais informações sobre o objeto de pesquisa, no caso as parteiras. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, onde se tem um roteiro de questões-guia, mas, há uma flexibilidade para novas descobertas (JUNIOR, 2015). As fontes foram selecionadas de acordo com a representatividade e disponibilidade.

Depois de realizar as entrevistas deu-se início ao processo de transcrição das falas, organizadas a partir de categorias criadas, que posteriormente se transformaram nos capítulos do livro: o primeiro capítulo “Mães da Pátria”, que apresenta contextualização sobre o objeto de pesquisa, com um apanhado histórico das parteiras no mundo, em seguida “Memória das Parteiras”, apresentando o perfil das protagonistas do livro, sobre as lembranças da infância, alfabetização, família e filhos; o terceiro capítulo “Memória das Mães”, que retrata as vivências de mulheres que tiveram o auxílio das parteiras; no quarto capítulo “Arte de Partejar”, as parteiras relatam quando e como iniciaram o ofício; “Experiências e Tradições” é o quinto capítulo, onde as recordações sobre os partos são narradas; o último tópico “Das Parteiras aos Grandes Centros de Parto”, narra-se o posicionamento das parteiras em relação ao parto cesariano e como está a atual assistência ao parto na zona rural e urbana.

O livro também apresenta registros fotográficos, devidamente autorizados, que ilustram as características descritas durante a apresentação das parteiras, permitindo ao leitor um mergulho profundo na realidade de mulheres simples, corajosas, com pouca instrução formal, no entanto, ricas em sabedoria popular, uma viagem instigante ao interior do sertão piauiense.

Para construção do livro-reportagem foi necessário adentrar no Jornalismo Literário, especialidade que permite apresentar fenômenos, acontecimentos e histórias de forma pormenorizada, a partir de uma narrativa que leva ao aprofundamento. Em “Jornalismo Literário Avançado”, Lima (2009), diz que o livro reportagem e o jornalismo literário casam-

se, para levar o leitor a uma viagem de descobertas no mundo real que se modifica com o tempo, o autor explica ainda, que para compreender o contexto em que estamos inseridos precisamos identificar primeiro como enxergamos o que está a nossa volta, quais instrumentos utilizamos, a internet, livros, veículos de comunicação de massa? Tudo está em constante evolução, e o jornalismo literário também precisa se modificar para não perder a sua beleza.

3 HISTÓRIA DAS PARTEIRAS

Parteiras são mulheres que eram consultadas sobre temas variados, como cuidados com o corpo e aborto. Mas, abortar para as mulheres desde 1900, era uma prática comum, seja pelas jovens abandonadas ou mulheres casadas, mas este ato às vezes poderia lhes custar a vida, assim, elas recorriam as aparadeiras ou a médicos clandestinos, porém, com o tempo a natalidade passa a ser pauta de saúde pública, onde foram criadas leis ainda em 1920 contra anticoncepcionais e no ano de 1923 contra o aborto (MATOS e SOIHET, 2003). Essas mulheres entre os séculos XIV e XVII foram condenadas como bruxas e morreram na fogueira, esse período de caça às bruxas iniciou na Alemanha.

Essas mulheres foram acusadas de três crimes, de acordo com Ehrenreich e English, (1973), o primeiro de serem bruxas e ter o poder sobre a sexualidade, segundo por formarem um grupo organizado e terceiro tinham o domínio da cura, através de ervas e conhecimento sobre o corpo da mulher. Na filosofia grega o corpo feminino é assimilado “a uma terra fria, seca, a uma zona passiva, que se submete, reproduz, mas não cria; que não produz nem acontecimento nem história e do qual, conseqüentemente, nada há a dizer” (MATOS e SOIHET, 2003, p. 20). O saber feminino sempre incomodou de alguma forma a sociedade não havia um manual de como fazer, tal sabedoria era repassada oralmente.

Dessa forma, toda sorte de especialistas de cura, populares e/ou familiares, como benzedeiras, curandeiras e parteiras, foram perseguidas, desqualificadas e banidas desta arte, e, com elas, um conjunto significativo de conhecimentos das próprias mulheres sobre seus próprios corpos, suas dinâmicas, seus produtos. Esse processo é identificado por Yvonne Knibiheler como uma desestruturação de redes de saberes femininos, saberes estes compartilhados pelas mulheres, mas que, também, tinham uma rede de especialistas própria, em que a parteira era uma das principais personagens. (TORNQUIST, 2004, p.73-74)

O medo das mulheres terem controle sobre o corpo é recorrente na história, no Islã até os dias atuais, o uso do véu tem um significado de invisibilizar a sexualidade e mascarar o perigo que as mulheres representam para os homens, como explicam Matos e Soihet, (2003),

em outras localidades, essa preocupação tinha como motivação os vastos conhecimentos das parteiras tradicionais sobre a medicina, o Estado então cria novos conceitos sobre a natalidade, onde houve uma diminuição na taxa de mortalidade infantil e materna, mas, juntamente veio a submissão ao ambiente hospitalar.

O corpo feminino passou então, a ser um campo de conquistas e pesquisa da medicina, como questiona Jean-Pierre Peter (1981), um universo de novos conhecimentos poderia ser criado a partir dessa natureza curiosa, e os médicos tinham uma obrigação de desvendar surpresas que o corpo da mulher apresenta ao longo de uma vida, e então definir “O que é a Mulher?”. Diferente das parteiras tradicionais que enxergam o parto como um dos momentos mais significativos na saúde da mulher, e buscaram se profissionalizar para ter uma aceitação na medicina moderna.

Neste período nasce a especialidade em medicina obstetra em meados do século XVIII, e o foco a mulher grávida aumenta no século XIX, onde os médicos e as parteiras passam a dividir o atendimento das parturientes (MARTINS, 2005). De modo que para Ventrúscolo e Kruehl (2015), muitos conhecimentos das parteiras tradicionais, ainda são utilizados na medicina moderna, e o apoio mais humanizado de aconchego a mãe e o bebê, vem desse saber milenar, que deve ser respeitado.

Uma atitude simples das comadres é a paciência, uma palavra chave neste momento que por si só, é tenso. Visto que para Dias (2007), as parteiras tradicionais utilizam da reza, do chá, massagens e confiança, para fazer o bebê nascer em um ambiente harmonioso e saudável, a autora lembra que vivências negativas no parto, podem ocasionar depressão pós-parto, problemas de saúde para o bebê e até mortalidade de ambos. Borges, Pinho e Guilhen (2007), destacam que as parteiras não fazem grandes intervenções em um momento que é da natureza, cada parto é individual e tem suas peculiaridades. A mulher é protagonista do parto, e a parteira ou aparadeira está ali para ajudar e certificar que tudo ocorra bem. O cuidado das parteiras tradicionais perpassa, pelo respeito, a solidariedade e o direito a saúde.

Neste sentido as comadres com suas experiências e observações em relação ao parto já tinha um olhar clínico, que para Foucault (1977), tal olhar deveria ser a observação da natureza, sem grandes interferências, diferente das teorias e métodos científicos, o correto seria usar os sentidos, a visão para assistir o fenômeno natural, ouvir e esperar no silêncio sem criar seus próprios conceitos.

3.1 Formação dos médicos obstetras

Os portugueses não tinham preocupação com a saúde das pessoas que habitavam o Brasil naquela época, foram tempos difíceis de epidemia de varíola, sarampo e febre amarela, o atendimento à população era precário, porém, com a mudança da realeza para o Rio de Janeiro foram criados os cursos de medicina (MACHADO, 1996). Alguns anos depois, em cenário contrário aos das parteiras tradicionais nascia a profissão do médico obstetra, com um novo olhar em relação ao parto, um olhar científico e tecnológico, Brenes, (1991) relata que nasce no Brasil uma nova categoria advinda da Europa, denominada de parteiro ou medico-parteiro, tendo formação na Arte Obstétrica das Escolas de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Bahia, em 1808.

Ainda no final do o século XIX, foram organizadas campanhas para controlar o parto, e assim distanciar as parteiras desse cenário onde os médicos só eram solicitados em caso de complicação (MAIA, 2010). A concretização desse fato se deu pelo uso de materiais específicos como fórceps, pelvímetro⁴, sondas, tesouras, agulhas, cefalótribos⁵ e ganchos, criados para intervir e construir um conhecimento científico, diferente do conhecimento popular das parteiras que fazem uso de ervas e utensílios simples, como expõe Martins, (2004).

Maia (2010), explica que o nascimento deixa de ser um evento fisiológico e passa a ser hospitalar, onde os riscos são mais frequentes e não casos isolados, dando origem ao modelo tecnocrático. O novo espaço para parir teve rejeições, no início muitas mulheres resistiam à assistência médica, pois viam os hospitais como local de exposição e doenças, alguns médicos também não foram a favor de uma especialização voltada somente para o parto, assim descrevem Depaul (1876) e Velpeau (1835), apud Martins (2005).

Vários meios foram criados para facilitar o trabalho dos médicos em formação, a posição da mulher deitada com as pernas para cima e abertas (litotomia), que não ajuda no trabalho de parto, mas, oferece uma visão melhor da situação para o obstetra, uso de ocitocina, que aumentam as contrações onde a mulher fica impossibilitada de mexer, e consequentemente influência a anestesia, que leva a outro método abolido da medicina, a manobra de Kristeller⁶, tal posição também não auxilia no relaxamento da região do períneo,

⁴ Instrumento para medir os diâmetros da pelve da mulher, pelvi vem do grego e métron significa medida. Fonte: Infopédia, disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/pelv%C3%ADmetro>

⁵ Instrumento com que se faz a cefalotripsia que é uma operação cirúrgica que consiste em esmagar a cabeça do feto para facilitar a sua saída da bacia da parturiente. Fonte: The free dictionary, disponível em: <https://pt.thefreedictionary.com/Cefal%C3%B3tribo>

⁶ Consiste em pressionar a parte superior do útero para facilitar (e acelerar) a saída do bebê, o que pode causar lesões graves, como [deslocamento de placenta](#), fratura de costelas e traumas encefálicos. Fonte: Revista Crescer, disponível: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Parto/noticia/2017/01/manobra-de-kristeller-entenda-por-que-o-metodo-considerado-uma-forma-de-violencia-obstetrica.html>

onde nos partos naturais os médicos acabam realizando a episiotomia⁷ (DINIZ e DUARTE, 2004).

Porém, para Martins (2005) a prioridade deveria ser a segurança e prevenção da mãe e do bebê, onde o papel de médico ou parteira em um parto vaginal é aparar a criança e auxiliar no puerpério (período de até 42 dias pós-parto), ela designa essa ação de “obstetrícia ocular”. Mas, a realidade é outra, com a instalação definitiva do modelo tecnocrático, a parturiente só tem direito a duas opções de parto, vaginal ou cesariano. Maia (2010), ainda destaca que o Brasil é um dos líderes de cesárea desnecessárias, quando não há risco para mãe e o bebê, esse cenário se justifica pela luta em levar o parto para o ambiente hospitalar, tratando-o como um momento de necessidade de intervenção do médico, nesse sistema o parto é como uma doença.

Após algum tempo foram realizadas avaliações destes princípios, que fizeram o índice de cesárea aumentar a cada ano, um dos pontos observados foi a remuneração médica, onde a Portaria n° 116/79 do Ministério da Previdência e Assistência Social, publicada pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), determinou igualdade no valor do parto vaginal e cesariano, pois até então a pagava-se mais pela cesárea, porém, sem grandes resultados como esclarecem Rocha, Ortiz e Fung, (1985), segundo a pesquisa realizada pelos autores não houve diminuição nas taxas de cesarianas mesmo após a medida.

4 PARTEIRAS DE OEIRAS- PIAUÍ

Maia (2010) comenta que a assistência à saúde no Brasil, foi centralizada no Rio de Janeiro e aos poucos se expandiu para as outras cidades, tendo uma divisão excludente entre os grandes centros e as áreas rurais, atendimentos diferentes entre ricos e pobres, criando uma desigualdade até hoje observada, do mesmo modo aconteceu com os modelos de atenção ao parto, assim ocorreu no sertão piauiense.

Para apresentar as memórias das parteiras de Oeiras-PI foram realizadas entrevistas com mulheres entre 49 e 83 anos, que aceitaram a divulgação dos seus nomes, pois acreditam ser melhor para a visibilidade e preservação de seus saberes. Para compreender o perfil dessas mulheres vale ressaltar que as entrevistadas tiveram pouco acesso a educação formal ou não tiveram de forma geral, muitas sabem apenas assinar o próprio nome.

⁷ Corte na área entre a vagina e o ânus chamada de períneo. Fonte: Revista Crescer, disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Saude/noticia/2014/08/episiotomia-precisa-mesmo.html>

Entre os relatos descrevem que por diversas vezes deixaram sua família para acolher mulheres em outras localidades, iam a pé, a cavalo ou de bicicleta e não tinham hora para esse atendimento. Ao serem questionadas sobre a infância, as protagonistas Elizabete dos Santos Sousa, Maria Ferreira de Carvalho, Maria Francisca da Silva e Antônia Segundo da Rocha Santos, relatam que trabalharam na roça para ajudar a família, e que até os dias atuais continuam no ofício. Essa realidade é típica do sertão, onde mesmo depois de aposentados, os idosos querem continuar se sentindo úteis.

Maria Ferreira de Carvalho, a parteira mais velha, 83 anos, perdeu as contas de quantos meninos trouxe à luz, mas recorda que foram muitos, e que sua relação com as mães é baseada no afeto, muitas vezes, era procurada para ajeitar o bebê na barriga ou era comunicada de que ela que ia aparar a criança, na comunidade ela é chamada de Mãe Maria, em respeito à sua história.

A “cumade” Badé ou Maria Aparecida Pereira da Silva é a parteira mais nova, com 49 anos, ela conta que aprendeu a partejar sozinha, através da observação e vontade de ajudar, ela tem apenas um filho, mas não faz distinção dos filhos que ela ajudou a trazer ao mundo. As aparadeiras estão proibidas no município de pegar bebês, pois, acredita-se que a assistência ao parto no município melhorou, e que elas não têm aparato suficiente para auxiliar no parto. Durante um tempo elas receberam luvas e toucas para usarem nos partos, mas foram suspensos. Vale ressaltar que as parteiras acreditam e respeitam a decisão, por diversas vezes quando observavam através do toque ou de uma oração, que o parto não poderia ser feito em casa, elas acompanhavam as mulheres ao hospital na cidade. Elas têm consciência de seus limites.

Mesmo com a decisão Maria Aparecida aparou um bebê em abril de 2018, pois não havia mais carro para levar a mãe da zona rural para o hospital em Oeiras, e a gestante estava em trabalho de parto, quando a ambulância chegou o bebê já havia nascido. A estrada carroçal que dá acesso às comunidades possui trepidações que incomodam durante o trajeto. Muitas crianças nasceram no caminho sobre as cabine e carrocerias de carros. Em vários momentos das entrevistas as aparadeiras contam que sempre são questionadas por profissionais da saúde sobre os seus saberes. Elas revelam sobre os variados tipos de chás de alho, pimenta do reino ou cachaça que eram oferecidas as mulheres durante as contrações, afirmam que são menos prejudiciais do que as elevadas cirurgias eletivas realizadas nos hospitais públicos e particulares.

A prova disso é que o governo começou a intervir nos novos métodos, a Lei nº. 11.108, de 7 de abril de 2005⁸, o Ministério da Saúde, vem incentivando o parto vaginal, mais conhecido como parto normal, que inclui como obrigatoriedade um acompanhante de escolha da parturiente, durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto, nos serviços do Sistema Único de Saúde – SUS, para auxiliar e fazer com que os medos construídos ao longo dos anos sejam desmistificados. Conforme Queiroz (2017), o parto não deve ser lembrado como um momento de dor, mas algo prazeroso, onde a mãe enfim conhecerá o tão sonhado bebê. E durante toda a gestação a melhor forma de empoderar essas mulheres sobre o seu corpo é a informação. Dias (2007) acrescenta que o parto enquanto fisiológico, tem que ser algo natural, sem grandes intervenções, só quando ocorre o risco de morte materna, pois, com a modernização muito se avançou em tecnologia, mas se perdeu o ar de acolhimento das parturientes.

Sempre cercado por superstições e crenças o parto no Nordeste brasileiro pode ser considerado religioso ou cultural, a região por muito tempo sofreu com a falta de atenção médica, então para curar doenças e ajudar no parto as plantas eram utilizadas como remédios naturais. Segundo Silva e Silva (2012), outro ponto importante é a religiosidade que está presente em muitas cidades, a devoção acompanha no momento do parto. Em Oeiras- Piauí, também conhecida como Capital da Fé, a figura de santos e as orações são frequentemente encontradas. Uma das orações feitas durante o parto era “Minha santa Madalena, não estou prenha nem parida, quero que voz me bote no colo das paridas”, (SILVA, 2018) e repetiam três vezes.

Assim, a posição mais comum entre as parteiras oeienses, era colocar a mulher em cima de um pedaço de madeira pequeno chamado de “sepo”, onde elas forravam e colocam a mãe agachada até o momento que o bebê nascia. Segundo Elizabete dos Santos Sousa, a placenta era enterrada no quintal, com dentes de alho. Ela via sua mãe Luzia, fazendo o ritual, sua mãe já faleceu, mas foi ela quem a ensinou tudo sobre partejar. Quando perguntadas sobre aborto, todas afirmam que não foram procuradas para fazer remédios para este fim, mas que algumas mulheres a procuravam depois do aborto, por estarem com infecção ou resto de parto, rompendo o estigma de que as parteiras ajudavam a realizar abortos.

Maria Francisca da Silva, 64 anos, conta que as mães não ficam de jejum, muitas vezes comiam para dar força durante o parto, e depois do parto, a aparadeira preparava caldo de carne para a parturiente. Na explicação sobre “assistência qualificada e humanizada” Maia

⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/11108.htm

(2010, p.48), descreve que pode- se incluir a opção de ingerir líquido durante o trabalho de parto, a posição para parir, informações sempre que forem solicitadas pela parturiente, exercícios e movimentos para aliviar as dores e aumentar a dilatação, massagem e banho para relaxar.

Outro papel importante durante o processo é aquele assumido pelo pai, figura que se encontrava sempre presente, seja na hora de ir buscar a parteira, ajudar a mulher a se apoiar para parir ou buscar o carro para levá-la ao hospital na cidade, como explica Antônia segundo da Rocha Santos, 57 anos.

4.1 Relato de experiência sobre a construção do livro-reportagem

Escrever algo sobre mulheres era meu objetivo inicial, para o trabalho de conclusão de curso. O interesse pela temática surgiu em 2016, onde o Ato de Partejar foi discutido pela Prof. Doutora Clarissa Carvalho no evento “Comunicação e Cultura Popular: Memórias e Diversidade no Vale do Guaribas”. E então venho estudando sobre o assunto, que desde período vem ganhando notoriedade na mídia com o incentivo para o parto humanizado.

Por ser apaixonada por impresso, o livro- reportagem sempre foi a minha primeira opção, poder desenvolver uma escrita mais detalhada, sensível e com pesquisa em profundidade, foi algo prazeroso. Deste ponto, comecei a perguntar para algumas pessoas sobre essas mulheres na região de Oeiras, já tendo ouvido o relato da minha avó que teve auxílio das parteiras em 3 dos 4 partos que teve.

O primeiro passo para localizar foi marcar um encontro com a Coordenadora da Saúde da Mulher do Município, Alexsandra Fontes, ela seria o meu norte nesta pesquisa. Nessa conversa ela me informou que estaria a minha disposição para elucidar qualquer dúvida e que não tinha conhecimento sobre investigações nesta área na região. Combinamos então, que eu participaria da reunião com os Agente Comunitários de Saúde no dia 24 de maio de 2018, pois eles têm contato direto com as comunidades da zona rural e poderia me passar possíveis nomes e endereços das nossas protagonistas.

Estávamos em período de pré-projeto e tive que faltar a aula para ir atrás das minhas fontes, ao término do encontro no auditório da Secretaria de Saúde, a Alexsandra, me chamou a frente e pediu para que eu explicasse o propósito da minha presença, após a minha fala, saí conversando com alguns agentes como: Carmem Silva, Juscelino Ferreira, Ducilene Carvalho, Marinete Odete e Raimundo Nonato, onde eles me passaram nomes das parteiras e contatos pessoais para contactá-los quando fosse iniciar a pesquisa de campo. Pedi para que já fossem

sondando a possibilidade delas me receberem e possíveis datas para o segundo semestre. E assim fizemos, entrei em contato com eles algumas vezes, e eles me afirmaram que todas falariam, apenas uma era a mais difícil Dona Maria Francisca, mas que na hora da entrevista foi a que mais apresentou seus relatos

Resolvi iniciar as entrevistas na primeira semana de outubro de 2018, o roteiro de perguntas foi feito com a ajuda da professora e orientadora Lana Krisna de Carvalho Moraes.. Não conhecia direito as comunidades, mas entrei em contato com um amigo, que me acompanhou nessa etapa, a recepção das cinco parteiras foi calorosa, todas simpáticas, e dispostas a abrir sua vida para uma então, desconhecida. E ao passo que tivemos apoio de profissionais da saúde, para nos levar até as aparadeiras, também encontramos profissionais que rejeitaram a temática da pesquisa, por considerar que as parteiras não mereciam tal destaque, pessoas como estas acreditam que o saber popular é inferior ao científico. Mas a minha vontade em contar a vida dessas mulheres e mostrar que sim, elas tem uma importância na nossa história foi maior que qualquer pré-conceito.

As entrevistas com as parteiras, agente comunitária de saúde e as mães foram realizadas em suas residências, respectivamente, locais onde não se tem asfalto e o semiárido piauiense apresenta realidade diferente dos grandes centros, as casas são simples e com distâncias de cerca de 5km do centro urbano, as famílias não são numerosas como nos anos 80, e assistência à saúde melhorou.

Assim, eu já tinha em mente em como queria a construção do livro, desde um contexto das parteiras no mundo, para que o leitor fosse traçando comigo o caminho dessas mulheres na medicina tradicional, até como elas são vistas atualmente no município, um professor da universidade chegou a me dizer que isso não seria possível, que teria que fazer o trabalho somente com as narrativas de tais mulheres, mas, sentei com a orientadora novamente, coloquei minha proposta e juntas traçamos o melhor caminho para o livro-reportagem.

A escrita foi realizada por partes, escrevia os capítulos e mandava para minha orientadora, às vezes ela demorava a retornar em virtude da leitura minuciosa, análise das expressões usadas pelas parteiras, mas não parava o trabalho, por ter que fazer também um relatório eu sempre ia tirando dúvidas com ela e realizando as outras atividades. Desta forma, terminamos bem antes do prazo determinado para entrega.

A proposta do primeiro capítulo do livro foi trazer um contexto histórico das parteiras no mundo; a chegada dessas mulheres ao Brasil juntamente com os portugueses; a inclusão da obstetrícia no curso de medicina; as consequências de um parto tecnicistas, onde a mulher

passa a não ter mais controle seu corpo; os tipos de parto seus benefícios e complicações; as normas e leis criadas para uma melhor assistência durante o parto e o incentivo de um parto humano, titulado “Mães da Pátria”.

Em seguida foram apresentadas as cinco protagonistas do livro, traçando seus perfis através da transcrição original do diálogo no segundo capítulo: “Memória das Parteiras”. Para compreendermos melhor a relação de tais parteiras com a comunidade e as gestantes, em “Memórias das Mães” no terceiro capítulo, conversamos com três mulheres relataram a suas vivências e apreço pelas parteiras.

A emoção nesses primeiros capítulos já começava a ser forte, durante a leitura das narrativas era possível identificar a simplicidade e coragem dessas mulheres, o quarto capítulo “Arte de Partejar”, apresenta a relação das parteiras tradicionais com o parto, traçando suas trajetórias profissionais e descrevendo os nascimentos mais complicados e o mais comoventes. No quinto capítulo foram abordadas as “Tradições e Experiências”, narrando as orações utilizadas durante o parto; as ervas para aumentar as contrações; o ambiente e posições; a retirada das placentas; a relação afetiva com o bebê e a mãe, a alimentação da parturiente após o parto e o que o parto significa para essas parteiras.

No último capítulo foram retratadas as mudanças do parto domiciliar para o hospitalar, para tanto, o sexto capítulo traz um apanhado sobre as recomendações para um parto humanizado; a inclusão das doulas e parteiras urbanas; como acontecem a atual assistência do parto na zona rural e urbana de Oeiras; e a relação do Hospital Regional Deolindo Couto na implantação da humanização do parto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um conhecimento milenar transmitido oralmente por outras mulheres, elas salvaram vidas de parturientes e bebês, antes do parto se tornar um problema de saúde pública, e o conhecimento da mulher sobre seu corpo ser silenciado, durante um dos momentos mais importantes de sua vida. A medicina começa a ter controle total sobre o parto hospitalar, são incluídos medicamentos e métodos para aliviar as dores, posições que não ajudam no trabalho de parto, mas, oferece uma visão melhor da situação para o obstetra, ocitocina, que aumentar as contrações, entre outros.

As parteiras neste contexto fazem do ofício como coadjuvante do parto o exercício da escuta, o companheirismo e empatia no auxílio as mães, mesmo diante do isolamento geográfico. Assim, os objetivos específicos foram alcançados, onde foi possível conhecer o

trabalho de parteiras da zona rural de Oeiras-PI dentro da perspectiva histórica e cultural, concluiu-se que a transmissão de conhecimentos das parteiras tradicionais não aconteceu em sua maioria, através da oralidade, algumas das entrevistas relataram que aprenderam através da observação ou simplesmente por que a vizinhança foi pedir ajuda.

O segundo objetivo descrever a troca de conhecimentos das parteiras e mães no pré parto, parto e pós-parto, onde, comprovou-se pelos relatos que as parteiras da zona rural de Oeiras possuem ritos e rituais regionais durante o parto e um respeito em todo processo. No último, identificamos que não existem políticas públicas voltadas para as parteiras no município, como cursos, entrega de luvas, tocas e tesouras. Dos problemas de pesquisa descobriu-se que a resistência da cultura das parteiras da zona rural de Oeiras-PI, ocorre por parte da comunidade que perpetua suas experiências, e que não se tem interesse por parte das novas gerações em adquirir tais conhecimentos.

Como sugestão, está pesquisadora acredita ser necessário realizar ação da Secretaria de Cultura juntamente com Secretaria de Saúde do município, para a inclusão destas mulheres em atividades, e valorização de seus saberes. Na região, não é mais possível encontrar tantas parteiras, pois o interesse pelo ofício não é perpetuado, por tanto concretizar que essas mulheres são parte de uma cultura não material da cidade é de suma importância para a sua história de Oeiras, a partir desse reconhecimento será possível realizar diversas descobertas, sobre acontecimentos que somente elas guardam em suas memórias, que este artigo seja apenas o início da visibilidade dessas mulheres, que ainda resistem nos interiores do Piauí.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº. 11.108, de 7 de abril de 2005, o Ministério da Saúde, incentiva o parto vaginal, mais conhecido como parto normal, disponível em, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/lei/111108.htm, acesso: 18 de maio de 2018.

BRENES, A. C. **História da parturição no Brasil século XIX**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, abr.-jun./1991.

BORGES MS, PINHO DLM, GUILHEN D. **A construção do cuidado das parteiras tradicionais: um saber/fazer edificante**. Rev Bras Enferm 2007 maio-jun;

CANDIDO, J. F. **A ciência**, capítulo 1. Metodologia e ciência, AGO/2005.

COORDENADORIA DE SAÚDE DA MULHER. **I Fórum sobre o Parto Domiciliar por Parteiras Tradicionais**. 2012. Arquivo em slide.

DIAS M.D. **Histórias de vida: as parteiras tradicionais e o nascimento em casa**. Revista Eletrônica de Enfermagem [serial online] 2007 Mai-Ago; 9(2): 474-486.

DINIZ, S. G & DUARTE, A. C. Parto normal ou cesáreo? o que toda mulher tem deve saber (e todo homem também). Rio de Janeiro editora UNESP, 2004.

EHRENREICH, Barbara. ENGLISH Deirdre, **Bruxas, Parteiras e Enfermeiras- Uma história das curandeiras**, publicado pela primeira vez por The Feminist Press, EUA, 1973. tradução para o português realizada por A Bruxaria Distro, em parceria com a Coletiva Feminista Nós Soltas e Editora Subta. SP. 2017.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica, Naissance de la Clinique**, 1963. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

IBGE, população de Oeiras Piauí, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/oeiras/panorama>, acesso: 18 de maio de 2018.

INFOPÉDIA, **definição da palavra Pelvímetro**, disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/pelv%C3%ADmetro>. Acesso em: 16 de junho de 2018.

JUNIOR, M. Joaquim. Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 9.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LIMA, Evaldo Pereira, Editora Manole Ltda, 4 Edição Revista E Ampliada- Jornalismo Literário- O Livro – Reportagem Como Extensão Do Jornalismo E Da Literatura. 2009.

MACHADO, M, H. **Os médicos e sua prática profissional: as metamorfoses de uma profissão**, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes. 1996.

MAIA, MB. **Assistência à saúde e ao parto no Brasil**. In: *Humanização do parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 19-49.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX**. *Rev. Estud. Fem.*, v. 13, n. 3, p. 645-665, set./dez. 2005.

_____. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection

MATOS. Maria Izilda Santos de. SOIHET, Rachel, **O corpo feminino em debate**, Editora UNESP. 2003.

PETER, J. P. **Les médecins et les femmes**. In: ARON, J. P. (Org.) *Misérable et Glorieuse: la femme du XIX e siècle*. Paris: Fayard, 1981.

PREFEITURA DE OEIRAS, sobre o município, disponível, <http://oeiras.pi.gov.br/pagina-exemplo/>, acesso: 18 de maio de 2018.

QUEIROZ, Tauana De Carvalho Alvarenga. **Apanhadeiras: Saberes E Crenças De Parteiras No Interior Do Piauí** (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). UFPI. Teresina-PI, 2017.

REVISTA CRESCER, **explicação do termo manobra de Kristeller**, disponível:

<https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Parto/noticia/2017/01/manobra-de-kristellerentenda-por-que-o-metodo-e-considerado-uma-forma-de-violencia-obstetrica.html>, acesso: 16 junho de 2018.

_____, **explicação do termo Episiotomia**. Fonte: Revista Crescer, disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Saude/noticia/2014/08/episiotomia-precisamesmo.html>.

ROCHA, Juan Stuardo Yazlle; ORTIZ, Pabla Clotilde; FUNG, Yang Tai. **A incidência de cesáreas e a remuneração da assistência ao parto**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.1, n.4, p.457-466, 1985.

SILVA, L.M. SILVA, M. H. F, Samarica Parteira: Viagem Pelo Universo Nordestino (Artigo apresentado no IX no Congresso de iniciação científica do IFRN- Tecnologia E Informação para o Semiárido). 2012.

THE FREE DICTIONARY, **definição da palavra Cefalótribo**, disponível em: <https://pt.thefreedictionary.com/Cefal%C3%B3tribo>, acesso: 16 de junho de 2018.

TORNQUIST, Carmen Susana, Humanização do parto: entrevista com Robbie Davis-Floyd. Revista Estudos Feministas [en linea] 2002

VENDRÚSCOLO, Cláudia Tomasi, KRUEL Cristina Saling, **A história do parto: do domicílio ao hospital; Das parteiras ao médico; de sujeito a objeto**. 2015.